

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

E21
C92573109

AValiação: O DILEMA DOS PROFESSORES

Ivanir Ferrari



Pontes e Lacerda, julho de 2000

371.136
F375

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DO ESTADO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

AValiação: O DILEMA DOS PROFESSORES

Ensaio Monográfico desenvolvido
no Estágio Supervisionado de
Língua Portuguesa e Literaturas no
VIII Semestre do Curso de
Licenciatura Plena em Letras da
Universidade do Estado de Mato
Grosso – Campus Universitário de
Pontes e Lacerda. Orientadora:
Teresa Pazos da Silva.

Pontes e Lacerda, julho de 2000

“Defino a avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo. Para compreender isso importa distinguir avaliação de julgamento. O julgamento é um ato que distingue o certo do errado, incluindo o primeiro e excluindo o segundo. A avaliação tem por base acolher uma situação.” (Luckesi. p. 172)

Dedico a

Minha Família, que me apoiou durante esta caminhada;

Meu Noivo, que é um grande companheiro;

Professora Teresa Pazos da Silva, que tem sido grande amiga em todos os momentos.

AGRADEÇO A

DEUS, por ter me dado forças para chegar até aqui.

MINHA FAMÍLIA, cujo apoio foi imprescindível à minha jornada.

MEU NOIVO, que tem sido grande companheiro na dura jornada que empreendi.

PROFESSORA TERESA, por me orientar e me auxiliar nas dificuldades.

PROFESSORA MARLENE, pela coragem de nos abraçar.

SOLANGE, pela paciência e ajuda prestada.

Enfim, **A TODOS OS PROFESSORES**, a quem atribuo a responsabilidade por mais esta gratificante etapa vencida, e àqueles que junto comigo trilharam este caminho.

SUMÁRIO

<i>Avaliar: o dilema dos professores</i> -----	07
<i>O que é avaliar para os professores</i> -----	10
<i>O papel da avaliação e sua importância no processo educativo</i> -----	15
<i>Aspectos e instrumentos de avaliação</i> -----	24
<i>O professor e a avaliação: dificuldades no processo</i> -----	39
<i>Avaliar antes e agora</i> -----	46
<i>Considerações Finais</i> -----	55
<i>Referências Bibliográficas</i> -----	57
<i>Anexos</i> -----	58

AVALIAR: O DILEMA DOS PROFESSORES

Minha opção por estudar a avaliação reside na necessidade de compreender melhor como se dá a prática avaliativa de alguns professores tendo em vista minha própria dificuldade em avaliar meus alunos. Considero importante estudar sobre avaliação num momento tão crucial, como o que estamos vivendo, momento este em que está sendo implantado o Projeto de Escola Ciclada no Mato Grosso. De modo que os professores e demais segmentos estão ansiosos e angustiados, mediante as mudanças, por não se sentirem preparados para elas. Por outro lado, os cursos ministrados parecem não minimizar as angústias, principalmente dos professores. Desse modo, busquei saber como é que os professores estão lidando com essa reforma “forçada” dentro da escola e principalmente como eles estão concebendo e efetivando a avaliação, pois, este é um dos pontos cruciais da referida mudança.

Para melhor desenvolver nossa pesquisa, optei por uma escola pública porque é na escola pública que está o maior número de alunos e é na pública que o Projeto Escola Ciclada está se desenvolvendo. Optei pela “Escola Estadual de Educação Básica 6 de agosto” porque especialmente nessa escola os professores fizeram ciclos de estudos sobre a referida Escola Ciclada e também sobre os PCNs, para se capacitarem. Portanto essa escola tem uma proposta diferenciada de avaliação. Estes são uns dos fatos que me fizeram interessar por esta escola.

O caminho adotado para a coleta de dados foi a realização de entrevistas gravadas e semi estruturadas com os professores. Outro caminho para a coleta dos dados foram as

análises de documentos, além de entrevistas abertas com os alunos.

Entrevistamos quatro professores da 3ª fase do 1º Ciclo, que corresponde à 2ª série no sistema anterior de estruturação da escola. Optei por uma 2ª série, pela compatibilidade de horários para a coleta de dados. Elaborei sete questões referentes a avaliação (ver em anexo), no intuito de buscar qual a importância que os professores atribuem à avaliação, qual o papel desta na formação do aluno, quais os instrumentos que os mesmos utilizam para avaliar qual o conceito que eles têm de avaliação, que dificuldades os mesmos encontram em adotar essa nova prática avaliativa, e quais as diferenças que vêm entre as formas avaliativas anteriores e a atual.

Os documentos que selecionamos para a análise foram os denominados “Cadernos de Campo”. Os referidos cadernos são os documentos onde o professor registra diariamente, o que se passa na sala de aula com cada aluno. Esse caderno substitui as avaliações formais anteriormente ministradas.

Para dar conta do presente estudo organizei esta monografia em cinco capítulos. No primeiro capítulo, discorrerei a respeito das concepções que os professores têm de avaliação, fazendo comparações entre os seus depoimentos, nas entrevistas, e o que eles efetivam na prática. Mostraremos as convergências, as divergências, as contradições, que permeiam seu discurso e sua prática.

No segundo capítulo, dada a afinidade entre ambas, juntei as duas questões, onde discutirei o papel da avaliação na concepção dos professores, ao mesmo tempo em que

falarei da importância que o professor atribui à avaliação,

No terceiro capítulo, procurei juntar as discussões que os professores fazem quanto aos aspectos da avaliação e instrumentos pelos quais eles avaliam seus alunos, de modo a saber se os professores diferenciam esses conceitos ou não, e como eles concebem cada um deles.

No quarto capítulo discutirei as possíveis dificuldades que os professores encontram em avaliar de acordo com a proposta de avaliação do Projeto de Escola Ciclada; quais seriam as dificuldades encontradas, e finalmente se eles têm ou não, proposta de soluções.

No quinto capítulo procurei discorrer acerca das diferenças que os professores estabelecem entre as formas avaliativas anteriores e a atual, que é a que está sendo enfocada no momento, no Brasil inteiro.

O QUE É AVALIAR PARA OS PROFESSORES

Iniciamos nosso trabalho no sentido de buscar a concepção de avaliação que os professores entrevistados tinham. Embora todas as entrevistadas tenham colocado que a avaliação é um processo do dia-a-dia, o fizeram de uma forma muito superficial. Porque afirmam que avaliam todos os dias, que tudo que o aluno faz é importante, mas nenhuma delas menciona como pontos para avaliação os aspectos afetivos, históricos, emocionais etc.

Nas respostas os professores não se colocam na posição do aluno, não levam em conta a história de vida do aluno, avaliam só do seu lugar de professor e dono do saber. Vejamos alguns dos conceitos dados pelos professores:

“É um processo do dia-a-dia. Não precisa ser uma avaliação todo final de mês.” (Professora A)

“É um compromisso muito grande onde o educando (sic) faz uma sondagem dos alunos, e é registrado tudo o que ele faz, para perceber as dificuldades e trabalhá-las.” (Professora B).

“É um meio do qual nós sabemos o que o aluno sabe, o que não sabe, o que deve e o que não deve ser trabalhado nele.” (Professora C).

“É estar dia-a-dia observando meu aluno, considerando tudo o que faz, até os rabiscos.” (Professora D).

Para compreender melhor os conceitos delineados pelos professores, buscamos a

concepção de avaliação de alguns autores como Luckesi (1996), Kenski (1995), Lüdke (1986), Demo (1996) e nos PCNs (1997). Todos os autores conceituam a avaliação como processo diário, que acompanha toda a prática do professor, mas de uma forma mais profunda, considerando todos os aspectos, dentre eles os afetivos, históricos, sociais, etc.

Luckesi (1996), aprofunda ainda mais esse conceito ao dizer que a avaliação é um ato amoroso, um ato acolhido. Porém não percebemos na fala dos professores nenhuma referência a esses aspectos. Os professores parecem não ver a avaliação enquanto parte de um processo que inclui também o aspecto afetivo. “Defino a avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação por si, é um ato acolhido, integrador, incluso (...) A avaliação tem por base acolher uma situação.” (p. 172)

Este mesmo autor diz ainda que a avaliação não é um momento estanque, não se reduz a uma prova ou a uma atitude momentânea. A avaliação é um acompanhamento de toda atividade do aluno ao longo de todo o processo de sua formação. “A avaliação é uma ferramenta da qual o ser humano não se livra. Ela faz parte do seu modo de agir e, por isso é necessário que seja usada da melhor forma possível.” (Luckesi, p. 118, 119).

Demo (1996), também conceitua a avaliação como processo diário ao afirmar que o aluno deve ser avaliado em todos os momentos e permanentemente, do início ao fim do semestre, e não em momentos isolados e com uma quantidade de conteúdos memorizados.

Podemos perceber concepção semelhante nas falas dos professores. De um modo geral todos se referem a avaliação como uma prática diária, todos fazem referência ao

fato de não ser a avaliação uma única prova de final de bimestre.

Retomando as considerações de Demo quanto à avaliação, o mesmo afirma que o objetivo da avaliação é fazer com que o aluno tenha um bom desempenho. Caso não consiga esse objetivo, algo está errado.

Demo levanta também o aspecto formal da avaliação, que é estar medindo, estar vendo se o aluno está apto, por exemplo, a escrever, ler, resolver operações, etc., e também o aspecto político que é a formação para a cidadania, trabalho com a ética, etc. Para este autor é lícito concluir que a avaliação dirige-se ao cortejo da qualidade formal e política do processo educativo escolar. O objetivo maior está claro: a avaliação tem sua razão de ser como processo de sustentação do bom desempenho do aluno. Se este não aprender bem, ou seja, com qualidade formal e política, nada feito. Daí “depreende-se que a avaliação há de ser um processo permanente e diário não uma intervenção ocasional, extemporânea, intempestiva, ameaçadora (...) A avaliação começa no primeiro dia do semestre e qualifica-se como processo (...)” (Demo, 1996: 41-42).

Não percebemos na fala de nenhuma professora a preocupação com o desenvolvimento e a capacidade do aluno, ou seja, se a avaliação é para ver se realmente o aluno está se desenvolvendo.

De modo geral elas falam das dificuldades, das falhas dos alunos, percebe-se que a avaliação, para elas, é mais uma coisa para ver o que está indo mal, o que está ruim. Elas também vêem a avaliação como uma coisa do senso-comum, tudo o que o aluno faz está

bom, ou como uma receita para medir as dificuldades dos mesmos, não prevê as potencialidades, as capacidades dos alunos, possibilidades de ir além do previsto. Só vêem o que eles não sabem.

A concepção de avaliação contemplada nos PCNs vai além da visão tradicional. Segundo os Parâmetros, ela deve acontecer sistematicamente ao longo do processo de ensino aprendizagem. Os PCNs colocam-na também como um elemento integrador, um processo dinâmico não-linear, ou seja, não é em linha reta, não é cumulativo, é um ir e vir permanente.

“Tomar a avaliação nessa perspectiva e em todas essas dimensões requer que esta ocorra sistematicamente durante todo o processo de ensino e aprendizagem, e não somente após o fechamento de etapas de trabalho, como é o habitual (...) Elemento integrador entre a aprendizagem e o ensino; conjunto de ações, cujo objetivo é o ajuste e a orientação da intervenção pedagógica para que o aluno aprenda da melhor forma (...) Utilizar a avaliação como instrumento para o desenvolvimento das atividades didáticas requer que ela não seja interpretada como um momento estático mas antes como um momento de observação de um processo dinâmico e

não-linear de construção de conhecimento."

(PCN, p. 81,83).

Kenski(1995) também conceitua a avaliação como processo, que deve acontecer a todo instante. Para essa autora a avaliação não deve acontecer em momentos estáticos e isolados da realidade diária, pois é na sala de aula, no dia-a-dia de alunos e professores que são tomadas as decisões relacionadas ao tratamento do conteúdo e a melhor forma de compreensão e produção do conhecimento pelo aluno.

"É nesse espaço dinâmico, onde diferentes juízos são formulados por diferentes pessoas em interação permanente que não cabe mais privilegiar apenas um elemento do grupo em suas opiniões. É nesse espaço limitado de sala de aula, onde ocorrem avaliações diferenciadas a todo instante que não cabe mais privilegiar um segmento parcial fragmentado, cristalizado, (quando baseada apenas numa prova do crime, será?) de avaliação (...) O ato de avaliar se faz presente em todos os momentos da vida humana (...) e também em todos os momentos vividos na sala de aula."

(Kenski, p. 133,135).

Não observamos no depoimento de nenhum dos professores, expressões ou argumentos que nos levassem a crer que os professores tem essa concepção de

avaliação, ou seja, da avaliação enquanto espaço de produção de conhecimento pelo aluno. A concepção dos professores acaba caindo no reducionismo, porque só enxergam a avaliação enquanto elemento medidor das dificuldades. Esta é uma concepção pautada no senso comum, é ingênua, porque não vê outros aspectos da avaliação que não seja a mensuração, isto é, medir o que o aluno não sabe para dizer o que ele tem que saber. A avaliação não é vista dentro de um processo dialético, onde todos participam ativamente.

Finalizando esse capítulo, podemos concluir que todos os autores mencionados, concebem a avaliação como um processo dinâmico, não-linear, cuja ação não é mecânica ou momentânea. Para eles a avaliação não é e não pode ser ameaçadora, intempestiva ocasional. É antes, um processo contínuo e pleno onde se dá a construção do conhecimento.



O PAPEL DA AVALIAÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA NO PROCESSO EDUCATIVO

Após analisarmos qual é a concepção de avaliação que permeia o discurso dos professores, buscamos saber qual é, na opinião dos professores, o papel e a importância da avaliação para o seu trabalho.

Quanto ao papel da avaliação todas as entrevistadas disseram que é acompanhar e subsidiar o aluno em todos os momentos. Com relação a importância da mesma, todas disseram que é importante tanto para o aluno quanto para o professor, mas ao referir-se a importância que atribuem a ela, só mencionam aspectos relacionados ao professor. Segundo eles, o professor precisa da avaliação para saber se seus alunos estão aprendendo ou não, onde estão as dificuldades, o que precisa ser retomado, o que é e o que não é relevante no momento, e para dar continuidade ao seu trabalho. O aluno só aparece aqui, como objeto de medição de dificuldades.

A professora C em particular, disse ainda que acha importante que seus alunos saibam que estão sendo avaliados constantemente. Já o professor D disse o contrário, que se os alunos souberem quando estão sendo avaliados, poderão ficar nervosos, preocupados e não conseguirem fazer um bom trabalho.

“É, realmente a avaliação é muito importante, porque é através dela que eu vou estar avaliando o meu trabalho. Acho importante também que o aluno não saiba quando está sendo avaliado. Na minha sala de aula eu

procuro o mínimo possível falar em relação a isso, a nota. Aí o aluno fica super tranquilo e nem percebe quando está sendo avaliado. O papel da avaliação pra mim é estar ajudando os alunos, não só estar achando os erros deles, mas ajudando através dos erros."

(Professora D)

Há uma contradição profunda na fala dessa professora; porque ao mesmo tempo que ela diz que avalia processualmente, que avalia o aluno o tempo todo, no dia a dia, ela diz logo à frente que não pode avisar o aluno que está sendo avaliado. Consideramos que segundo a professora, se o aluno está sendo avaliado a todo momento, ele não necessitaria ser avisado de que está sendo avaliado. Se ela coloca que não avisa, é porque de fato ela não avalia durante o processo. Ela não está acompanhando o desenvolvimento do aluno, ela está avaliando momentos. Ainda que num mesmo dia hajam vários momentos, não deixa de ser momentos. Ela não está concebendo a avaliação como processo. Fala de processo, mas sua preocupação continua sendo com a nota. Ela concebe a avaliação enquanto um instrumento para medir as dificuldades de seus alunos. Para essa referida professora a avaliação não é um processo de construção do saber, não é uma interação professor-aluno. Num sentido bastante semelhante o prof^o A afirma que:

"O papel da avaliação é acompanhar e subsidiar o aluno no dia a dia (...) A importância é para que eu veja se o aluno está acompanhando o processo, se ele não estiver eu tenho que voltar todo o conteúdo e formular

outra maneira de trabalhar.” (Professora A)

A professora dá-nos a entender com esta afirmação que faz avaliação somente para saber se seus alunos estão aprendendo do “jeitinho” que tem que ser; do “jeitinho” que ela estipulou que seria o ideal, o padrão. Ela não está preocupada com a construção do conhecimento na cabeça do aluno. Tampouco se preocupa com o processo de crescimento deste aluno.

“O papel da avaliação é acompanhar o processo de aprendizagem do aluno (...) É importante tanto para o professor quanto para o aluno. O professor para observar o que os alunos já sabem, quais as dificuldades que têm para que eu possa trabalhá-las ou dar continuidade ao meu trabalho.” (Professora B)

Parece-nos com esta afirmação que a professora não vê a avaliação enquanto processo de acompanhamento do desenvolvimento pleno do aluno. Ela vê a avaliação apenas enquanto uma espécie de “remédio” para saber se o aluno “aprendeu” aquela matéria ou não. A sua maior preocupação é com os conteúdos, com aquilo que os alunos assimilaram no espaço de sala de aula. Não percebemos na fala da professora uma preocupação com os outros aspectos da formação do desenvolvimento da criança, como por exemplo a socialização, afetividade, emocionalidade, aspectos estéticos e outros que também deve fazer parte da avaliação. Isto porque a escola não trabalha só com conteúdos, só com conhecimento. A escola também trabalha com valores, com habilidades, com atitudes

etc. E os professores deveriam estar preocupados com estas questões.

“O papel da avaliação para mim é estar ajudando os alunos, no seu desenvolvimento, acompanhando-o passo a passo, achando suas dificuldades e trabalhá-las. É importante que o aluno esteja sabendo que tudo o que ele faz na sala, eu estou avaliando.” (Professora C)

Assim como as demais professoras, esta também dá-nos a idéia de avaliação enquanto uma terapia, para consertar o que está errado, não a vê como processo dinâmico de construção do conhecimento, ao qual já nos referimos inúmeras vezes.

Luckesi(1996), referindo-se ao papel da avaliação afirma que este reside em assumir a função de subsidiar a construção do conhecimento. Tem que estar realmente preocupado com a transformação da sociedade.

Segundo ele a avaliação deve assumir o verdadeiro papel de instrumento dialético de diagnóstico para o crescimento. Ao dizer isso, ele está se referindo tanto a avaliação para o aluno quanto para o professor. Ao mesmo tempo que avalia o aluno, o professor também se auto-avalia: por um lado o professor vê qual é o desenvolvimento do aluno, e por outro lado qual a contribuição do professor para que isso ocorra.

Não percebemos na fala de nenhuma das professoras entrevistadas, uma preocupação com o “construir conhecimento”. Mas percebemos que a avaliação, na cabeça dos

professores é reducionista, a avaliação que deveria ser um processo contínuo e pleno de construção de conhecimento, tem sido utilizada em apenas um de seus aspectos que é medir os limites do aluno, as dificuldades que ele tem. Ela não é pensada em termos de possibilidades.

“A avaliação da aprendizagem necessita para cumprir o seu verdadeiro significado, assumir a função de subsidiar a construção da aprendizagem bem-sucedida (...) que assuma o papel de auxiliar o crescimento (...) Que possamos construir resultados satisfatórios, com o auxílio do planejamento, execução e avaliação auxiliando o desenvolvimento dos educandos, ao mesmo tempo que processamos nosso auto-crescimento. Para que a avaliação educacional assuma seu verdadeiro papel de instrumento dialético de diagnóstico para o crescimento, terá que se situar e estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com a sua conservação.” (Luckesi, p. 42,166,167).

O mesmo autor referindo-se a importância da avaliação afirma que ela visa a formação total do homem e não só a assimilação de conteúdos estáticos. O professor deve se preocupar com a formação do sujeito como um todo.

Dessa forma é mais importante conhecer o trajeto de desenvolvimento do aluno para saber qual o melhor caminho a seguir, naquele momento, para aquele aluno, do que procurar somente saber o que o aluno sabe e o que não sabe para trabalhá-lo nas suas limitações.

“Deveria ser o instrumento de reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a serem perseguidos (...) O momento da avaliação deveria ser um momento de fôlego na escalada, para em seguida, ocorrer a retomada da marcha, de forma mais adequada, e nunca um ponto definitivo de chegada.”
(Luckesi, p. 34,35,43)

Os PCNs, referindo-se a importância da avaliação, afirmam que ela é muito importante para o professor saber se todos os alunos estão aprendendo ou não, se têm ou não condições para que aconteça a aprendizagem. Dessa forma se o professor não atingiu os objetivos esperados com os alunos, os mesmos devem ser reorientados.

Embora reconheçamos a importância dos PCNs como recurso para subsidiar o professor na avaliação, sua utilização requer cuidados. Não podemos esquecer que os Parâmetros Curriculares Nacionais, são norteadores da avaliação, e não definidores. Este é um documento governamental que norteia as ações gerais dos professores no país inteiro. Nele não são observadas as questões de contexto de cada professor, escola ou turma. Ele deve portanto ser um ponto de partida, mas não o único referencial.

Os depoimentos dos professores tem sido muito parecidos com os PCNs, e ainda assim os professores pegam apenas momentos deles, desconsiderando, muitas vezes as partes mais importantes que são aquelas relacionadas à construção do conhecimento. Desconsideram a orientação dos PCNs de que:

“Esta avaliação, que intensiona averiguar a relação entre a construção do conhecimento por parte dos alunos e os objetivos que o professor propôs, é indispensável para saber se todos os alunos estão aprendendo e quais as condições que estão sendo favoráveis ou não para isso (...) Se por exemplo não há aprendizagem esperada, significa que o ensino não cumpriu com a sua finalidade: a de fazer aprender.” (PCN, p. 83,84).

Ainda segundo os PCNs, tão importante quanto o que e como avaliar, são as decisões que devem ser tomadas pelo professor em relação aos alunos. Deve-se levar em conta uma série de medidas didáticas complementares, como por exemplo acompanhamento individual, trabalho extra classe e outros.

Kenski(1995), também fala da importância da avaliação para o professor e o aluno. Segundo ela, o professor tem que fazer seu planejamento de acordo com as

necessidades dos alunos. Tem que ter espaço para que em determinados momentos, tenha parada de reflexão para saber como está o aprendizado destes. Caso não haja rendimento, os alunos serão reorientados, e o professor deve procurar novas formas de aprendizagem.

Para essa autora o trabalho de avaliar não pode ser desligado dos objetivos gerais da escola. Seus objetivos particulares e os de sua disciplina deverão ter estreitas relações com o projeto da escola e da educação.

“A partir dos objetivos estabelecidos no projeto, o professor vai orientar os objetivos particulares de sua disciplina, buscando sempre o atendimento das expectativas, interesses e necessidades dos alunos (...) Deve existir espaço para que em determinados momentos, seja feito parada de reflexões. Essas paradas de reflexões, constitui a formulação de atividades pelo professor para que os alunos individualmente ou em grupo, possam utilizar o conjunto de conhecimento aprendido para criar, questionar, sugerir, procurar novas formas de aplicar aquele saber, em fim, mostrar as transformações que o novo saber lhes proporcionou.” (Kenski, p. 136,137,141).

A mesma autora referindo-se ao papel da avaliação concebido como processo, diz que ao optar por essa prática educativa, o professor vai estar comprometido não só com a simples transmissão de um saber elaborado, mas trabalhar o aluno de forma crítica, de forma questionadora.

Quando o professor trabalhar a avaliação conforme o pensamento dos autores mencionados no início, que a colocam de forma crítica, o aluno vai construir o seu conhecimento, vai se posicionar, junto a sociedade e a seu grupo, será um aluno politizado, um aluno preparado para discutir questões do seu tempo. Desse modo, a sociedade será “transformada”, como afirma Luckesi, e não meramente “reproduzida”. Segundo Kenski(1995), *“O professor ideologicamente comprometido com uma proposta de educação transformadora, deve estar inteiramente consciente da importância política de sua competência no ato de ensinar.”* (p. 138)

Demo chama a atenção dos professores para a responsabilidade no ato de ensinar. Segundo ele, se o aluno não estiver conseguindo se desenvolver, ele tem direito de ser reorientado, no sentido de saber qual é a questão que está posta para o aluno naquele momento.

Este mesmo autor, na mesma linha de pensamento de Luckesi, Kenski e dos PCNs, faz referência à importância de um acompanhamento individual do aluno. Pois esta é a única forma que o professor tem de saber quais as questões que precisam ser retomadas e quais as potencialidades do aluno para um trabalho futuro, ou até mesmo presente.

“A avaliação (...) qualifica-se como processo de acompanhamento permanente do desempenho do aluno, implicando no professor cuidados extremos pelo direito de aprender bem. E no aluno, a confiança de estar progredindo dia a dia, ou, se não tiver desempenho adequado, de encontrar o suporte a quem tem direito para se recuperar (...) acompanhamento individual tipicamente qualitativo.” (Demo, p. 42)

Embora o trabalho individual seja um aspecto central no processo de avaliação, não houve, nos depoimentos de nenhuma das professoras, a preocupação em se fazer um trabalho individual com o aluno e muito menos uma preocupação com o crescimento deste. Percebemos que os professores só estão preocupados em terminar o semestre ou o ano letivo e ter dado a quantidade de conteúdos que haviam sido propostos no início do ano letivo ou do semestre, e que os alunos tenham memorizado tudo.

Lüdke(1986), fala da importância de procurar novas formas de aprendizagem, caso o aluno não esteja conseguindo aprender. Segundo ela, os alunos são os maiores perdedores, quando o professor faz uma avaliação quantitativa.

“Queremos apenas insistir mais uma vez sobre a importância de se procurar meios adequados para se conhecer melhor e talvez

contribuir para desmontar os mecanismos do jogo da avaliação, do qual saem perdedores a imensa maioria dos meninos e meninas para quem a escola básica ironicamente se destina."

(Lüdke, p. 202).

Não nos deteremos, neste capítulo, em analisar com mais profundidade as possibilidades de o professor buscar outros meios de avaliação, tendo em vista que retomaremos a este assunto em capítulos posteriores.

ASPECTOS E INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO

Neste terceiro capítulo, nosso trabalho é no sentido de saber quais os aspectos que os professores consideram importantes e quais os instrumentos que eles utilizam para avaliar seus alunos. Utilizar-me-ei da expressão “instrumentos” para referir-me aos materiais que os professores usam para avaliar, tais como: caderno de campo, caderno dos alunos, provas, trabalhos escritos e outros. E utilizar-me-ei da expressão “procedimentos” para denominar outros recursos que não os materiais, que também são usados para avaliar, como por exemplo a observação, que não é um recurso material, mas que também serve aos propósitos avaliativos do professor.

De modo geral, os professores entrevistados confundem procedimentos com instrumentos e confundem também instrumentos com aspectos. Todas consideram importante olhar a ordem dos cadernos, se estão fazendo todas as atividades em dia, se estão respeitando as normas, em fim priorizam os aspectos estéticos e normativos.

Observando os cadernos dos alunos e conversando com os mesmos, percebemos que de fato a grande preocupação dos professores é com a estética, com a ordem dos cadernos, com a higiene, pela preocupação de não formar orelhas, de estar sempre limpo, de observar a margem, etc.

A professora A dá prioridade especialmente aos aspectos estéticos. Ela olha a ordem dos cadernos, se estão limpos, organizados, sem orelhas, etc. Também olha os

trabalhos que eles fazem, e verifica como os questionários estão sendo respondidos. Apesar da referida professora ter mencionado que trabalha a produção de texto e a criatividade dos alunos, não percebemos essa preocupação, ao observamos os cadernos de seus alunos e ao conversarmos com eles. A professora não quase não trabalha a produção de texto. A maioria das vezes ela passa na lousa um texto, e os alunos se limitam a copiar. O que ela observa muito é a estética. Vejamos o depoimento de um aluno:

“Aquele menino lá (disse apontando o dedo para um aluno no canto da sala), não tem vergonha na cara. Todo dia a professora puxa a orelha dele e bate na mão dele com a régua, de pau, porque o caderno dele é cheio de orelhas, mas ele não aprende a cuidar do caderno.”

O depoimento da professora condiz com que o aluno fala, exceto pelo fato de omitir as agressões como forma de coagir seus alunos.

“Os instrumentos que eu utilizo é como eles organizam seus trabalhos, seus deveres, como respondem os questionários. Os aspectos que eu considero importante é a organização de idéias, clareza de expressão, se são criativos, se formam frases legal, se lêem com clareza e na produção de texto.” (Professora A).

A professora B, além de priorizar os aspectos estéticos e normativos, também dá

destaque ao aspecto valorativo. Ao conversarmos com seus alunos e ao observamos seus cadernos, percebemos que a professora corrige os cadernos dos alunos para saber os acertos e os erros gramaticais. Trabalha bem pouco a produção de texto e prioriza a estética. Segundo um de seus alunos:

“Quando o caderno está mais ou menos limpo organizado, ela escreve “bom”. Quando está “bem bom”, que é bem limpo, sem orelhas, tudo certo, ela escreve “parabéns”. E quanto está sujo, com orelhas, com exercício errado, aí ela escreve “mais capricho”, “mais esforço” e fala: “Ai! Que menino relaxado, meu Deus!” (aluno da profª A)

Assim como no caso anterior, também este depoimento do aluno, condiz com o depoimento e mesmo as atitudes de sua professora. Esta está preocupada com a estética dos materiais. Evidentemente este é um aspecto importante mas, não deve ser supervalorizado.

“Os instrumentos que eu utilizo para avaliar meus alunos, é nas atividades propostas em sala, se eles se expressam com clareza, se são criativos e participativos. Os aspectos que eu considero importante é um aluno organizado, que cuida dos materiais, se fazem os trabalhos e deveres em dia, se é caprichoso, e participativo.” (Professora B).

1. 2. 3.

1944-1945

1990

253 142 100

444 45

Phyllanthus

— 2 —

100

11

A professora C, assim como as demais observa os aspectos estéticos, normativos e valorativos. Ela destaca também o trabalho individual, se preocupa com as relações humanas no espaço de sala de aula. Esta professora ainda que indiretamente, tem uma preocupação com o aspecto cognitivo, quando se preocupa com o respeito ao universo do aluno, ao que ele sabe. Apesar da referida professora não ter mencionado que trabalha a produção de texto, percebi, ao observar os cadernos dos alunos, que isso é uma prática diária dela. Mas observa muito também a organização dos cadernos.

“Eu utilizo os seguintes instrumentos: eu observo a criatividade do aluno, a percepção, o coleguismo, a atenção dele, as atividades que eu dou na sala de aula. Os aspectos que eu acho importantes é estar atenta principalmente aos seus questionamentos, sua maneira de expressar dentro da sala, porque às vezes tem aluno que é tímido, mas ele sabe, só tem dificuldade de se expressar, então eu considero isso e trabalho ele à parte.” (Professora C).

Esta professora é um pouco diferente das demais, pois ela acrescenta a preocupação com o conhecimento, com o que o aluno sabe, com a dificuldade de expressão do aluno. Se preocupa com o processo em si de aprendizagem. As outras ficam circunscritas, limitadas a organização dos alunos, ordem da sala e etc.

A professora D, demonstra que tem noção de instrumentos técnicos, e os instrumentos que ela utiliza são o caderno de campo e os cadernos dos alunos. Ela separa com relativa clareza o que são instrumentos e o que são aspectos na avaliação, embora ela cite o

pode observá-lo no dia a dia e registrar em tabelas, listas de controles, diário de classe e outros. Pode também dar atividades específicas para avaliação, como por exemplo, expor sobre um determinado tema, responder um questionário, etc.

“Para obter informação em relação aos processos de aprendizagem, é necessário considerar a importância de uma diversidade de instrumentos e situações para possibilitar, por um lado, avaliar as diferentes capacidades e conteúdos curriculares em jogo e, por outro lado constatar os dados obtidos e observar a transferência das aprendizagens em contextos diferentes. É fundamental, a utilização de diferentes códigos, como o verbal, oral, o escrito, o gráfico, o numérico, o pictórico, de forma a considerar as diferentes aptidões dos alunos (...) O professor pode realizar a avaliação por meio de observação sistemática e registrar em tabelas, listas de controle, diário de classe, análise das produções de textos, atividades específicas para avaliação.” (PCN, pág. 84 e 85)

Nos depoimentos das professoras, somente a professora D, menciona o caderno

de campo, onde ela registra a vida diária do aluno. As demais só mencionam os cadernos e trabalhos que o aluno faz na sala. Mas nenhuma professora em momento algum, em seu depoimento deixou claro que a avaliação para ela, é um mecanismo de acompanhamento do desenvolvimento do aluno para saber qual é o avanço que esse aluno atingiu em relação ao conteúdo trabalhado, em relação a temática analisada, ou qual é o fator que está dificultando o desenvolvimento, para trabalhar sobre ele. Embora esta preocupação não apareça nos seus depoimentos, percebemos, ao observarmos os cadernos dos alunos que as professoras estão preocupadas com conteúdo. Elas buscam saber se os alunos estão escrevendo corretamente, se assimilaram a matéria dada, etc.

Quanto aos aspectos a serem buscados na avaliação, os PCNs dão destaque aos aspectos referentes ao aluno e que o professor precisa considerar ao avaliá-lo. O professor precisa considerar as individualidade de cada um, as diferenças sociais, culturais, as aptidões, a história de vida de cada aluno. Cada aluno tem seu universo cultural, sua história de vida. Está em contato com uma determinada cultura e inserido num certo grupo social.

“(...) é atribuição do professor considerar a especificidade do indivíduo, analisar suas possibilidades de aprendizagem e avaliar a eficácia das medidas adotadas (...) O professor deve levar em conta fatores sociais, culturais, a história educativa de cada aluno (...) considerar as diversidades, o respeito as diferenças (...)”
(PCNs, pág. 96,97).

Nenhuma das professoras entrevistadas menciona, em seus depoimentos os aspectos culturais, sociais, e outros. Elas só mencionam os aspectos estéticos normativos e valorativos.

Cazaux(1995), falando dos instrumentos de avaliação, afirma que existem vários e que todos tem vantagens e desvantagens, eles simplesmente contemplam ou não alguns aspectos. Por exemplo a prova tem a vantagem de avaliar melhor o aspecto cognitivo, um desenho, desde que seja o aluno que faça tem a vantagem de avaliar melhor os aspectos estético, criativo, valorativo, etc. E o professor deverá observar e escolher quais são os apropriados para utilizar com seus alunos em determinadas circunstâncias. Tudo depende do que o professor quer do aluno, fazendo com que ele escolha e utilize um ou outro instrumento de avaliação. Por exemplo, se o professor quiser acompanhar o senso de normas, de organização e de estética do aluno, ele vai olhar o caderno, desenhos e trabalhos, mas observando a parte estética. Se o professor for observar o cognitivo, aí ele vai olhar trabalhos escritos que estejam voltados a aprendizagem de seus alunos. Os professores observados geralmente dão ditados, continhas problemas para ele resolver, um texto para produzir etc.

“Todos os instrumentos de avaliação apresentam vantagem e desvantagem. O importante é escolher a forma mais adequada para cada situação (p.20)

Para realizar uma avaliação integral do aluno, isto é avaliar as várias dimensões de seu

comportamento, faz-se necessário o uso combinado de várias técnicas e instrumentos de avaliação.” (p. 62).

Não percebemos, nos depoimentos das entrevistadas, nenhuma preocupação em observar os alunos para saber quais os instrumentos que seriam mais eficazes para avaliá-los. Parece-nos que os professores utilizam os instrumentos que lhes convém, que acham que são interessantes, mas não estabelecem relações entre o instrumento e o aspecto que aquele instrumento contempla. Ao observarmos os cadernos dos alunos percebemos que as professoras ao olhar os cadernos destes, observam somente aspectos estéticos e normativos e não o cognitivo, conforme já dissemos anteriormente. Elas não se preocupam com a resposta do aluno somente com a gramática correta, ortografia, parágrafo, etc. Os significados que os alunos atribuem às coisas ou a sua compreensão não são valorizado pelo professor. Em fim, o professor desconsidera os conhecimentos vindos dos alunos e só valoriza o conhecimento sistematizado.

Luckesi(1996), referindo-se aos instrumentos de avaliação, afirma que um dos caminhos para o professor é a avaliação diagnóstica. Diz também que o professor deve estabelecer o mínimo necessário para a aprendizagem dos alunos. Para isso ele deve fazer o seu planejamento de acordo com as necessidades de cada um. Segundo Luckesi, devido as diferenças individuais, culturais e sociais, alguns alunos ultrapassarão facilmente os mínimos, outros só chegarão aos mínimos, e outros sequer o alcançarão.

“A avaliação diagnóstica será, com

certeza, um instrumento fundamental para auxiliar cada educando no seu processo de competência e crescimento para a autonomia (...) A avaliação deverá verificar a aprendizagem não a partir dos mínimos possíveis, mas sim a partir dos mínimos necessários (...) Para tanto sugere-se que, tecnicamente, ao planejar suas atividades de ensino, o professor estabeleça previamente o mínimo necessário a ser aprendido efetivamente pelo aluno." (p. 44-45).

No depoimento das professoras, nenhuma delas explicitou qual é o mínimo que elas visualizam de aprendizagem para os alunos. Luckesi com esta afirmação nos deixa claro que a avaliação não é um ato impensado, momentâneo, mas, é planejado. Os instrumentos a serem utilizados precisam ser escolhidos previamente, de acordo com as necessidades de cada aluno ou da turma como um todo.

Não percebemos nos depoimentos das professoras entrevistadas, essa preocupação. Parece que os professores não relacionam o instrumento que usam ao tipo de habilidades que eles estão querendo contemplar. Por exemplo, elas não estabelecem relação entre uma prova e o aspecto cognitivo; entre um desenho e o aspecto afetivo, estético ou motor; a ordem dos cadernos e o aspecto normativo etc.

Luckesi afirma também que há professores que formulam provas e testes e os utilizam como instrumento de avaliação. E muitas vezes também formulam o seu próprio instrumento de avaliação desconsiderando o que foi ensinado. Isso só acontece porque o professor não estabelece, previamente, os instrumentos que irá utilizar e para que o fará.

“Após um período de aula e exercícios escolares denominado, unidade de ensino (...) os professores formulam provas ou testes, ou outro mecanismo qualquer para ser utilizado como instrumento de avaliação (...) O professor formula o seu instrumento de avaliação, a partir de diversas variáveis: conteúdo ensinado afetivamente; conteúdo que o professor não ensinou, mas que deu por suposto ter ensinado (...) Essa prática de tornar os instrumentos de avaliação mais difícil, só pode ocorrer devido ao fato de não se ter definido previamente aquilo que é relevante ou irrelevante, e não se ter levado a sério essa definição.” (Luckesi, pág. 67,74).

Ainda nesse sentido, Luckesi afirma que há duas formas do professor utilizar a avaliação escolar: como classificação ou de forma diagnóstica. Dependendo de qual destas modalidades o professor escolher, ele poderá trabalhar, para transformar a sociedade ou

simplesmente reproduzi-la. Segundo ele, se o professor optar pela avaliação classificatória ela terá a função estática. Do ponto de vista da aprendizagem escolar, o aluno será classificado num padrão definitivamente determinado, e ele será julgado como “inferior, médio ou superior”. Esses conceitos se transformarão em números e automaticamente em notas e médias, e ficarão registradas em arquivos escolares para sempre. Esse aluno com certeza será estigmatizado.

“Com a função classificatória, a avaliação constitui-se num instrumento estático e frenador do processo de crescimento: Trabalha-se uma unidade de estudo, faz-se uma verificação do aprendido, atribui conceitos ou notas ao resultados, que em si devem simbolizar o valor do aprendizado do educando e encerra-se aí o ato de avaliar. O valor atribuído pelo professor é registrado e definitivamente o educando permanecerá nesta situação (op.cit.p.34-35)

A avaliação escolar como instrumento de classificação, é extremamente eficiente para a conservação da sociedade pela domesticação dos educandos.” (op.cit. p.43).

Se o professor optar pela avaliação diagnóstica, ela deverá manifestar-se como um mecanismo de diagnóstico, que tem como objetivo acompanhar o avanço, o crescimento dos educandos e também detectar os pontos frágeis. Saber onde estão as dificuldades dos

alunos, os pontos nevrálgicos que estão impedindo a sua aprendizagem e não a estagnação destes. Terá que ser democrática e trabalhar todos igualmente. Dessa forma a avaliação estará preocupada com o objetivo maior que é a transformação da sociedade.

“A função diagnóstica constitui-se num momento dialético do processo de avançar no desenvolvimento da ação, do crescimento para a autonomia, do crescimento para a competência etc. Ela será um momento dialético de “senso” do estágio em que se está e de sua distância em relação à perspectiva que está colocada como ponto a ser atingido à frente (...) enfim, a avaliação diagnóstica deverá ser o instrumento dialético do avanço. Terá que ser o instrumento da identificação de novos rumos, terá que ser o instrumento de reconhecimento dos caminhos percorridos e da identificação dos caminhos a ser perseguidos.” (Luckesi, p. 34,35,43).

O mesmo autor, referindo-se aos aspectos que o professor deve considerar importantes ao avaliar seus alunos, afirma que para que se tenha uma avaliação de qualidade e que direcione o educando ao desenvolvimento, é necessário observar vários aspectos não classificatórios como por exemplo, verificar o que o aluno está aprendendo, que pontos do que foi trabalhado ele assimilou com mais facilidade, onde teve dificuldade, o que

precisa ser retomado, etc. Enfim o professor, através da avaliação, deve:

“Coletar, analisar, sistematizar da forma mais objetiva possível, as manifestações de condutas cognitivas, psico-motoras dos educandos, produzindo uma configuração do efetivamente aprendido, atribuir uma qualidade a essa configuração da aprendizagem a partir de um padrão (nível de expectativa) preestabelecido e admitido como válido pela comunidade dos educadores e especialistas dos conteúdos que estejam sendo trabalhados.” (op.cit.p. 95).

Este mesmo autor afirma ainda que a partir dessa qualificação, deve se tomar uma decisão sobre as condutas dos professores e alunos a serem seguidos. Deve-se levar em conta vários fatores, tais como:

“A reorientação imediata da aprendizagem, caso sua qualidade se mostre insatisfatória e caso o conteúdo que esteja sendo ensinado e aprendido, seja efetivamente essencial para a formação do educando; o encaminhamento dos educandos para passos subsequentes da aprendizagem, caso se considere que, qualitativamente, atingiram um nível satisfatório no que estava sendo trabalhado.” (Luckesi, p. 95).

Observando todos esses aspectos, segundo Luckesi, o educando terá um bom aproveitamento, um direcionamento da aprendizagem e consequentemente o desenvolvimento pleno e não simplesmente a aprovação ou reprovação do aluno.

Demo(1996), se assemelha a Luckesi ao dizer que para se ter uma boa aprendizagem a avaliação precisa ser diagnóstica, e também quando se refere ao fato de que os instrumentos devem ser escolhido de acordo com as necessidades de cada um. Demo diz ainda que deve ser de acesso fácil e transparente, nada escondido, secreto, mas escolhido previamente, para que seja garantida a aprendizagem dos educandos.

“Os critérios de avaliação, por mais qualitativos que devam ser, porque disso se trata, precisam ser formulados de tal modo que seja de acesso fácil e desimpedido, sobre tudo de definição transparente (p.31)

Trata-se de reconstruir a instrumentação mais apta a mudar, e neste caso, voltado para o diagnóstico incessantemente renovado (p.37)

Só assim serão possíveis garantir condições concretas de aprendizagem do aluno.” (p.42).

Nesta mesma linha de pensamento temos os trabalhos de Kenski(1995). Esta se assemelha aos autores já citados, ao afirmar que o professor deve se preocupar ao escolher os instrumentos que sejam mais adequados para o aluno e sugere também que o professor

pode trabalhar atividades diversificadas que contemplem as mais diversas áreas e que permitam trabalhos diferenciados que desenvolvem a criatividade.

“O professor precisa ter a preocupação de no decorrer do processo utilizar diferentes meios através dos quais os alunos tenham oportunidade de demonstrar o seu aprendizado, as relações que vem estabelecendo entre o novo conhecimento e as aprendizagens anteriores, e as relações que fazem entre o conteúdo aprendido e a realidade histórica concreta em que se situam (...) Para isto, deve o professor propor a execução de diferentes atividades pelos alunos elaboradas em grupos ou individualmente, com a realização de experimentos, elaboração de projetos, participação em discussões, etc. (...)”
(Kenski, p. 142).

Ao finalizar esse capítulo concluímos, através dos depoimentos dos professores, dos alunos e da observação dos cadernos, que a principal preocupação dos professores é com a ordem dos cadernos e com o conteúdo. A avaliação que o professor faz se restringe a ver como os alunos organizam e mantêm os materiais, como se comportam no espaço da sala de aula e se assimilaram ou não, o conteúdo ministrado. Os aspectos relativos à formação intelectual e cultural propriamente ditos são desconsiderados ou então colocados em

segundo plano.

Luckesi afirma que: *“Um educador, que se preocupe com que a sua prática educacional esteja voltada para a transformação, não poderá agir inconsciente e irrefletidamente. Cada passo de sua ação deverá estar marcada por uma decisão clara e explícita do que está fazendo e para onde possivelmente está encaminhando os resultados de sua ação (...) A avaliação terá de ser uma atividade racionalmente definida, dentro de um encaminhamento político e decisório a favor da competência democrática da vida social.”* (Luckesi, p. 46).

O PROFESSOR E A AVALIAÇÃO: DIFICULDADES NO PROCESSO

Neste quarto capítulo, nosso trabalho é no sentido de saber se os professores tem ou não dificuldade em adotar essa nova prática avaliativa proposta pelo Projeto de Escola Ciclada e que está sendo implantado este ano no Estado de Mato Grosso, e caso tenham dificuldades, quais são elas.

Das quatro professoras entrevistadas, três afirmaram que vêem muitas dificuldades em adotar essa nova prática avaliativa, devido a falta de experiência, já que é uma prática nova pelo menos para elas, também pela quantidade de alunos em cada sala. Somente uma das professoras entrevistadas afirmou que não vê dificuldade alguma nessa prática avaliativa, ao contrário, ela afirma que acha mais fácil.

A professora A coloca que sua maior dificuldade está na falta de experiência para lidar com esta nova situação, já que ela não teve nenhum curso, nenhum treinamento específico a respeito; o que ela sabe, ela aprendeu sozinha. Esta professora confunde formação com recursos, o que nos dá a entender que não há por parte dela muita clareza quanto ao que lhe falte para estar apta a avaliar seus alunos.

“A dificuldade está em recursos, eu por exemplo, não tive nenhum treinamento para isso. O pouco que eu sei, é que eu aprendi sozinha, lendo, conversando com alguém mais experiente, mas não é o suficiente.”

(Professora A)

A professora B, assim como a A também afirmou que sua dificuldade é pela falta de experiência e também na quantidade de alunos. Segundo ela não se consegue fazer um bom trabalho com a sala super lotada.

“A dificuldade que eu encontro é na falta de treinamento a respeito. E também na sala cheia de alunos. Assim a gente não consegue trabalhar individualmente cada aluno.” (Professora B).

A professora C, ao contrário das demais, afirmou que não vê dificuldade alguma em adotar essa nova prática avaliativa, acha inclusive mais fácil já que tem o caderno de campo, onde ela anota diariamente a vida do aluno.

“Eu não tenho dificuldade em adotar essa nova prática de avaliação, pois eu anoto no caderno de campo, o que se passa dia a dia com cada aluno. Inclusive, acho mais fácil do que a antiga.” (Professora C).

A professora D, assim como a A e B também atribui a sua dificuldade à falta de preparação para esse fim. Preocupa-se também com a super-lotação das salas, e afirma ainda que não é concursada portanto não ganha para fazer horas atividades, e então não dispõe de tempo para trabalhos extra-classe, como por exemplo o acompanhamento individual, para sanar as dificuldades dos alunos. Segundo ela, essa nova prática de avaliação requer do professor que este esteja atento às diversidades, dificuldades dos alunos. Mas sem

dúvida, segundo ela, esse é o melhor método, até então proposto.

“É muito difícil utilizar esse método, porque você com uma sala super cheia, sem falar na falta de experiência. Tem que estar observando constantemente cada aluno, considerando as diferenças eles. Eu não sou concursada, portanto não ganho para fazer horas atividades, e fica difícil trabalhar extra-classe, acompanhar individualmente os alunos que tenha dificuldades, etc. Mas, sem dúvida, este é o melhor método até agora.” (Professora D).

Vejamos o que alguns autores como Luckesi (1996), Kenski (1995), Lüdke (1994) e também os PCNs (1997), afirmam a respeito das dificuldades de se adotar essa nova prática avaliativa.

Lüdke(1986), afirma que vê a avaliação como uma “vasta rede”, no qual é envolvida toda a escola e principalmente os alunos. Esses ficam, segundo ela, enroscados nas malhas, atrofiados impedidos de caminharem. Pensando dessa forma, ela se preocupou em pesquisar a respeito. Segundo sua pesquisa os professores têm dificuldade em adotar essa nova prática avaliativa por vários motivos. Um deles refere-se à imagem ideal da avaliação que é passada e que é bem diferente da realidade.

A literatura a respeito de como avaliar no processo é muito escassa e muitas vezes coloca teoria e prática de modo distintos. Os outros motivos, segundo a autora são: falta

de formação específica, números do alunos por turma, valorização da profissão e melhores níveis salariais etc.

“A literatura específica a respeito é bastante reduzida, especialmente ao se considerar o enfoque sociológico. A formação geralmente é bastante falha no que se refere a avaliação (p.196)

As professoras se acham bastante confusas, entre uma imagem ideal de avaliação que lhes é passada, mal ou bem pelos seus estudos ou em documentos oficiais, e a realidade das escolas que devem enfrentar em seu dia a dia (...) [há] Uma série de problemas que vão desde as necessidades de formação específica do professor até a consideração de suas condições de trabalho, incluindo aí o número de alunos por turma, tempo para reuniões, valorização da profissão e melhores níveis salariais (...)” (p.199-200).

Percebemos a presença de muitos destes fatores nos depoimentos das professoras. Com exceção da professora C, percebemos que todas as demais tem a mesma dificuldade no que se refere a falta de formação específica para trabalhar com essa nova proposta. Todas se queixam da falta de curso de capacitação para este fim. No entanto nenhuma delas

procura ler a respeito do assunto.

Os PCNs nos falam sobre as dificuldades que o professor enfrenta ao avaliar seu aluno no dia a dia. Segundo os PCNs, há uma série de medidas a tomar, e que necessitam de apoio institucional, como acompanhamento individual, grupo de apoio, etc. mas segundo este documento este é um problemas que precisa ser superado.

“A dificuldade de contar com o apoio institucional para esses encaminhamentos é uma realidade que precisa ser alterada gradativamente, para que se possam oferecer condições de desenvolvimento para os alunos com necessidades diferentes de aprendizagem.”

(PCN, p. 88-89).

Não nos parece que haja resistência de ordem institucional, uma vez que toda a escola adotou a nova proposta. O problema está na falta de preparação dos professores para mudar sua forma tradicional de avaliar. Um dos problemas acreditamos ser a falta de tempo para fazer os cadernos de campo, uma vez que nenhuma das professoras é concursada e portanto nenhuma delas tem hora atividade. Apesar disto apenas a professora D faz referência a este problema.

Por outro lado, Luckesi afirma que há dificuldades pela falta de recursos, falta de interesse do sistema. Também aqui não nos parece haver consonância com a situação

dos professores. Existem bibliotecas no município com boas obras, sobre avaliação. Existem também, embora em número limitado, profissionais preparados para ministrar cursos na área. E existem ainda práticas de sucesso por parte dos professores que estão atuando e que poderiam partilhar sua experiência.

Creemos que o que falta é uma iniciativa por parte da escola e dos próprios professores, em estar buscando soluções. Uma sugestão seria a formação de grupos de estudos na escola, para troca de experiência. Quanto a isso Luckesi(1996) nos diz que:

“A prática da avaliação da aprendizagem, em seu sentido pleno, só será possível na medida em que se estiver efetivamente interessado em que o educando aprenda (...) O sistema social não demonstra estar interessado em que o educando aprenda, pois investe pouco na educação (...) Tanto do ponto de vista financeiro quando do pedagógico” (p. 99).

Kenski afirma que essa nova forma avaliativa, requer mais responsabilidade, mais competência do professor, requer um posicionamento diferente. Não é uma simples transmissão de um saber elaborado, precisa, segundo a autora, ter capacidade para orientar os alunos de acordo com as suas necessidades e possibilidades.

“Ao professor vai ser exigido antes de

1870

1871

1872

1873

1874

1875

1876

1877

tudo, competência ao ensinar. O professor comprometido com uma proposta de educação transformadora, deve estar inteiramente consciente da importância política de sua competência no ato de ensinar.” (Kenski, p. 138).

Segundo a autora pelo fato da avaliação acontecer durante todo o processo, faz se necessário que: *“O professor esteja permanentemente atento às alterações de comportamento dos alunos. Que haja um clima favorável à participação de todos em sala de aula.” (p. 139).*

Finalizando esse capítulo, podemos afirmar que os professores têm consciência de que não estão preparados para exercer essa prática avaliativa. No entanto eles não demonstram iniciativa própria, interesse pessoal em preparar-se. Ficam estáticos esperando que alguém venha de fora, que lhes dê um curso, e que esse curso resolva seus problemas. Porém, esta nova forma de avaliar não pode ser algo que se construa num curso, uma vez que esta se constitui em processo.

Os professores precisam começar a se questionar sobre que tipo de avaliação têm feito até então, e que tipo de avaliação deveriam fazer a partir de agora de forma a consolidar esta nova prática avaliativa que permeia seus discursos. Essa forma de avaliação está também relacionada aos objetivos que o professor se propõe para seu trabalho. A partir daí, ele vai exercer uma forma de avaliação que coadune com seus objetivos.

Se seu objetivo é que seus alunos sejam passivos, organizados, bonzinhos, ele

vai somente olhar o caderno, a limpeza, a ordem e a disciplina. Mas se ele quer um aluno crítico, criativo, ele vai estar preocupado com a participação oral dos alunos, com a escrita, com o texto, com os conceitos, com os posicionamentos destes. Percebemos que os professores estão mais preocupados com uma “receita” para avaliar, do que com o processo em si. Eles não conseguem entender que mudar a concepção de avaliação requer mudar a concepção de educação. Se tiverem clareza do papel da educação, a avaliação mudará. Se não tiverem, mudarão só os instrumentos, a tática, mas não mudará o caminho percorrido.

Temos bibliotecas, livros, pessoas preparadas, e a escola tem autonomia para montar projetos e até contratar pessoas de fora para ministrar cursos, realizar palestras, seminários, etc. Falta no entanto, iniciativa de todos, não só do professor, falta um acompanhamento pedagógico sério. Os coordenadores também se ressentem dessa dificuldade, porque não estão preparados. Portanto a busca de soluções deve envolver toda a escola e não apenas os professores.

AVALIAR ANTES E AGORA

Neste quinto e último capítulo, nosso trabalho será feito no sentido de saber quais as diferenças que os professores vêem entre as formas avaliativas anteriores; que estes utilizavam para avaliar seus alunos, e a atual que vêm sendo exigida deles diante das reformas que têm acontecido no interior da escola.

De um modo geral a principal diferença que os professores vêem é a questão da prova, a qual era aplicada rigorosamente e hoje o aluno é ou pelo menos deveria ser, avaliado no dia a dia, no processo, muito embora isto não exija a extinção da prova. Vejamos os depoimentos dos professores:

“Com a avaliação anterior, o aluno tinha que fazer provas. Que não significava aprender e sim decorar. Hoje é diferente, a gente avalia dia a dia. Você vê os pontos negativos e positivos imediatamente.”
(Professora A).

“Antigamente o professor dava uma quantidade de conteúdos e os alunos tinham que decorar tudo e depois fazer uma prova. E então ele era aprovado ou reprovado. Agora é diferente, ele é avaliado dia a dia, passo a passo dá tempo de retomar as atividades, caso haja dificuldades.” (Professora B).

“A diferença é que antes o aluno era obrigado a fazer provas e testes para o professor saber se ele

aprendeu ou não. Hoje não precisa disso, o professor observa ele dia a dia, e percebe se ele está ou não aprendendo, e aí trabalha especificamente com este aluno.” (Professora C).

“Antigamente o aluno tinha que fazer prova. Era passado para ele uma quantidade de conteúdo e ele tinha que decorar. Hoje não se decora nada, ele tem que aprender de verdade. A gente observa o aluno o tempo todo no dia a dia.” (Professora D).

Constatamos, pelos depoimentos dos professores, que a palavra “prova” virou um “estigma”, um “chavão”, que deve ser abolido da escola. Porém não existem maiores reflexões quanto à razão pela qual se deva abolir totalmente a prova.

Fazer uma prova não é crime. O problema está em fazer com que esta prova seja a única forma de avaliação do aluno. Outro problema está em como elaborar uma prova. Uma coisa é pedir para os alunos reproduzirem um conceito fechado, acabado, pronto, outra coisa é permitir que o aluno reconstrua, nessa “prova”, o seu conceito de conhecimento e aí nem é necessário chamar-se a isto de prova.

A “prova” tem que ser aberta, tem que dar espaço para o aluno se posicionar se manifestar, para fazer críticas, etc. Acontece que atualmente o professor aboliu a prova mas não colocou nada no seu lugar. Ele olha a ordem dos cadernos, olha os aspectos estéticos valorativos, como já dissemos tantas vezes anteriormente, mas não está preocupado com

a construção de conhecimento pelos alunos. A preocupação do professor é de que o aluno não pode decorar. No entanto, não se constitui crime, (e muitos autores já até afirmam isto), em que os alunos decorem uma tabuada, por exemplo, que memorizem algumas regras que lhe facilite escrever com mais tranquilidade, com mais facilidade, etc. Cada um tem seus próprios meios para acessar ao conhecimento. Esta idéia que se generalizou, de que pela nova concepção de avaliação não é mais permitido qualquer forma de sistematização de conteúdo ou qualquer teste ou prova, é uma interpretação equivocada que alguns professores fizeram do construtivismo. O que aconteceu foi uma extremização das coisas: nada de questionário, nada de prova, nada de decorar, e etc.

Para melhor compreensão das questões postas, recorremos novamente a Luckesi (1996), Ludke (1994), Kenski (1995), Demo (1996) e os PCNs (1997), para saber quais as diferenças entre as formas avaliativas anteriores, ou melhor dizendo, as formas adotadas pela perspectiva da escola tradicional e que é largamente utilizada em nossos dias e a forma de avaliação ora proposta, que privilegia o processo.

Segundo Luckesi, o processo avaliativo tradicional, era e ainda é feito burocraticamente visando medir a capacidade do aluno através de nota ou conceito, buscando a verificação e quantidade de conteúdos assimilados. Os alunos se limitam a memorizar, responder um questionário e depois esquecer. Essa forma avaliativa acontecia e ainda tem acontecido em momentos estáticos e isolados, desvinculados da realidade dos alunos. Pior que isto, muitas vezes a avaliação tem sido utilizada como forma de punição. Luckesi afirma que muitos professores usavam e ainda usam a avaliação como forma de castigar os alunos. Segundo o autor, o professor:

“Elabora provas para provar os alunos (...) e muitas vezes até para reprovar. Elabora itens de provas deslocados dos conteúdos ensinados em sala de aula; construção de questões sobre assuntos trabalhado com os alunos, porém com um nível de complexidade maior do que aquele que foi trabalhado; uso de linguagem incompreensível para os alunos, etc.(, p. 21).

Esta é uma prática comum especialmente em turmas indisciplinadas, onde o professor dá uma prova “bem difícil” para manter a ordem da sala. Ainda é comum, nos corredores da escola, ouvirmos expressões do tipo: “Quero dar uma prova de rachar para a turma tal.”

Luckesi afirma que muitos professores usam a avaliação como forma de ameaça para manter a disciplina. Embora não tenha castigo físico, permanece o castigo psicológico, que é ainda pior do que o anterior. Os alunos ficam numa constante tensão sob as ameaças do professor.

“O medo é um fator importante no processo de controle social (...) Ele gera a submissão forçada e habitua a criança e o jovem a viverem sob sua égide. Isso produz não só uma personalidade submissa, como também hábitos de comportamento físico, tenso que conduz

a doenças respiratórias, gástricas, sexuais, etc.”

(op.cit. p. 24).

Os nossos professores, embora não usem a prova como forma de coação, não deixam de usar o processo avaliativo com este fim quando agredem o aluno que tem caderno desorganizado, que não está limpo, que tem orelhas, que não fez a tarefa etc. Grita, briga, puxa a orelha, ridiculariza-o na frente dos demais alunos. Esta é uma forma de gerar medo, de gerar submissão, de afrontar o aluno, de agredi-lo na sua individualidade, na sua privacidade. Esta é uma forma de gerar constrangimento aos alunos que não se adequaram àquilo que o professor quer, àquilo que o professor espera deles. O professor tem um aluno padronizado na cabeça e se os seus alunos não correspondem a isso, ele cobra severamente. Antes o professor usava a prova como mecanismo de coação, hoje substitui a prova pela cobrança quanto às atitudes, comportamentos, etc. Ambas são entendidas como avaliação, e ambas estigmatizam os alunos.

Podemos constatar a veracidade destas questões em Luckesi, que nos afirma que a utilização da avaliação como forma de punição, tem outras vertentes mais sutis, porém não menos graves. Os resultados da avaliação tem provocados sérios constrangimentos tais como: *“A gozação com um aluno que não foi bem; a ridicularização de um erro; ameaça de reprovação; testes relâmpagos etc.”* (op.cit. p. 50).

Luckesi afirma ainda, que o professor pela autoridade que lhe foi delegada, assume a postura de poder exigir a conduta que quiser, qualquer que seja ela.

“Então aparecem as armadilhas nos testes,

surgem as questões para 'pegar' os despreparados, derrubar os indisciplinados (op.cit.p.23)

As provas e exames são realizados conforme o interesse do professor ou do sistema de ensino. Nem sempre se leva em conta o que foi ensinado (...) Notas são operadas como se nada tivessem a ver com a aprendizagem." (op.cit.27).

O modo como a avaliação era, e ainda é realizada, estanque, isolada das necessidades dos alunos, desconsiderando o contexto do processo de aprendizagem, só poderia levar ao fracasso do aluno e a uma visão traumática da avaliação.

Atualmente temos uma proposta diferenciada de avaliação, mas isso não significa que os professores deixaram de usar a avaliação tradicional. Isso ficou bem claro em nossa pesquisa: O professor só mudou o seu discurso, mas a prática continua quase a mesma. No entanto, esta nova proposta consiste em ver a avaliação por outro prisma, considerá-la como algo que acontece em toda prática educativa, em todos os momentos, enfim, vê-la como, processo e não como produto.

Segundo os PCNs, a avaliação deve acontecer de modo sistemático ao longo do processo de ensino-aprendizagem. Isso possibilita ajustes constantes num mecanismo de regulação do referido processo que contribui efetivamente para que a tarefa educativa tenha sucesso.

“Tomar a avaliação nessa perspectiva e em todas as dimensões requer que esta ocorra sistematicamente durante todo o processo de ensino e aprendizagem e não somente em fechamento de etapas de trabalho” (PCN, p. 81).

Kenski referindo-se a avaliação processual, afirma *“que o ato de avaliar se faz presente em todos os momentos da vida humana (...) e também em todos os momentos vividos na sala de aula.”* (p. 133). Portanto para essa autora a avaliação não deve acontecer em momentos estáticos e isolados da realidade diária, pois é na sala de aula, no dia a dia de alunos e professores que são tomadas todas as decisões relacionadas ao tratamento do conteúdo e a melhor forma de compreensão e produção do conhecimento pelo aluno.

Os professores que entrevistamos não priorizam os conteúdos e nem a produção do conhecimento, quando eles dizem que avaliam no dia a dia, eles olham a ordem do caderno, se este está limpo, sem orelhas, se o aluno fez a tarefa direitinho, se é um aluno freqüente, se está sempre prestando atenção no professor quando ele está falando, se não chega atrasado etc. Eles não estão preocupados em ver qual é o conhecimento que seu aluno está produzindo, como é que ele está percebendo tal conceito etc. O que realmente os professores querem saber é se o aluno respondeu “certinho” às questões que ele passou sobre um determinado assunto. E isso é exatamente o que a escola fazia há muito tempo atrás.

A escola deve trabalhar com o novo, deve proporcionar ao aluno contato com a cultura que ele não conhece e que poderá proporcionar a ele conhecer melhor a cultura

dele. Infelizmente a escola não prioriza isso, e quando o professor não prioriza a cultura ou o conhecimento, está exercendo uma prática pedagógica ingênua, inocente e está tirando da escola o seu verdadeiro papel que é proporcionar ao aluno o contato com a cultura sistematizada. No entanto a escola deveria priorizar esse tipo de formação, porque:

“É nesse espaço dinâmico, onde diferentes juízos são formulados por diferentes pessoas em interação permanente que não cabe mais privilegiar apenas um elemento do grupo em suas opiniões. É nesse espaço limitado de sala de aula, onde ocorrem avaliações diferenciadas a todo instante que não cabe mais privilegiar um segmento parcial, fragmentado, cristalizado (quando baseada apenas numa prova do crime, será?) de avaliação.” (Kenski, 1995:135).

Esta nova concepção de avaliação, requer qualidade e não quantidade. O professor deve primeiro conhecer os seus alunos, as dificuldades, as aptidões de cada um e trabalhar suas individualidades. Sempre que achar necessário, aplicar uma espécie de “prova” para saber o que os alunos já sabem o que precisa ser retomado o também para trabalhar novos conteúdos. Segundo Luckesi a avaliação deve ser interpretada *“como um momento de fôlego na escalada, para em seguida, ocorrer a retomada da marcha, de forma mais adequada, e nunca um ponto definitivo de chegada”* (Luckesi 1996: p. 34-35).

Entender a avaliação por este prisma é admitir que ela não é, e não pode ser linear ou cumulativa. Não se preocupa com quantos conteúdos foram ou não ministrados e quanto o aluno memorizou deles. Esta forma de avaliar está necessariamente ligada ao processo de construção do conhecimento por um lado, e os objetivos estabelecido pelo professor, por outro a avaliação deve ser diagnóstica.

“Ou seja, deverá ser assumida como um instrumento de compreensão do estágio de aprendizagem em que se encontra o aluno, tendo em vista tomar decisões suficiente e satisfatórias para que possa avançar no seu processo de aprendizagem (...) e não um instrumento para a aprovação ou reprovação dos alunos (...)”
(op.cit, p. 81)

A concepção de avaliação contemplada nos PCNs, tem fortes afinidades com a concepção de Luckesi e Kenski, uma vez que é compreendida como:

“Elemento integrador entre a aprendizagem e o ensino; conjunto de ações cujo objetivo é o ajuste e a orientação da intervenção pedagógica (...) Elemento de reflexão contínua para o professor sobre sua prática educativa, instrumento que possibilita ao aluno tomar

consciência de seus avanços; ação que ocorre durante todo o processo de ensino e aprendizagem (...)" (PCN, pág. 83,84).

Demo(1996), afirma que para que se tenha uma avaliação visando a qualidade do ensino e não a quantidade, é necessário que *“os critérios de avaliação (...) sejam formulados de tal modo que sejam de acesso fácil e desimpedidos, sobretudo de definição transparente” (p.37). Para tanto a avaliação “há de ser um processo permanente e diário, não uma intervenção ocasional, extemporânea, intempestiva, ameaçadora ...” (p. 41).*

A finalidade da avaliação hoje, não é para classificar, recompensar ou punir o aluno, o qual faz com que haja mais reprovação e fracasso. Mas é para servir de estímulo aos alunos, orientando-os nas tarefas, dando-lhes mais oportunidades de crescerem.

Ao finalizar este capítulo, podemos afirmar que embora a nova proposta de avaliação priorize o processo, e haja toda uma concepção renovada do que seja a escola, o papel da escola e os objetivos da prática educativa, não percebemos, pelos dados, muitas modificações na forma de avaliar do professor. Embora ele tenha modificado seus instrumentos, embora seu discurso seja um pouco diferente, a sua prática acaba percorrendo os mesmos caminhos

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O intuito com este trabalho era saber que concepção os professores tinham sobre o processo de avaliação. Os dados nos revelaram que o professor concebe a avaliação em seu discurso como uma atividade inovadora. Porém, a prática nos evidenciou, que eles têm uma concepção ainda um pouco ingênua de avaliação; porque a avaliação enquanto processo não pode medir apenas a estética dos cadernos, a pontualidade e assiduidade dos alunos etc. e a prática dos professores se restringe, na maioria das vezes, a isto. Embora estes sejam fatores importantes não são os únicos. Existem fatores cognitivos que precisam ser considerados e que os professores desconsideraram.

Por outro lado, eles confundem aspectos com instrumentos. Não compreendem que os aspectos dizem respeito ao sujeito. Por exemplo avaliamos os aspectos afetivos, cognitivos, motores, etc. E os instrumentos são objetos ou procedimentos que utilizamos, com a finalidade de avaliar, por exemplo, uma “prova”, um desenho, um trabalho escrito etc. Eles misturam tudo, colocam aspectos e instrumentos como se fossem a mesma coisa.

Com relação ao papel e a importância da avaliação para o seu trabalho, novamente o discurso não condiz com a prática. Os professores afirmaram que o papel da avaliação era acompanhar e subsidiar o aluno em todos os momentos e que era importante tanto para os alunos quanto para eles próprios. Mas, na verdade, estavam preocupados somente com os conteúdos, com a organização dos cadernos, a disciplina, etc. Não estavam nenhum pouco preocupados com a formação geral dos alunos, formação esta que deveria ser sua principal preocupação e objetivo.

De um modo geral os professores sentem muita dificuldade em avaliar no processo, devido à falta de experiência, de preparo, mas também parecem não procurar soluções, buscar meios de aprender. Não percebemos neles iniciativa própria, Ficam estáticos esperando que um “milagre” ocorra. Como já dissemos anteriormente, temos várias bibliotecas no município, onde os professores poderiam estar buscando aprimorar seus conhecimentos sobre o assunto. No entanto, nenhum deles mencionou qualquer leitura feita nesta área.

A principal diferença que eles vêem entre as formas avaliativas anteriores e a atual, é a questão da prova. Mas percebemos que atualmente não houveram muitas mudanças. A única mudança, que percebemos, está no discurso dos professores. Para finalizar não podemos perder de vista aquilo que Luckesi tão bem nos diz sobre o ato de avaliar:

“O ato de avaliar, por sua constituição mesma, não se destina a um julgamento ‘definitivo’ sobre alguma coisa, pessoa ou situação, pois que não é um ato seletivo. A avaliação se destina ao diagnóstico e, por isso mesmo, à inclusão: destina-se a melhoria do ciclo de vida. Deste modo, por si, é um ato amoroso (...) É uma meta a ser trabalhada, que, com o tempo, se transformará em realidade, por meio de nossa ação. Somos responsáveis por esse processo.”
(Luckesi, p. 180).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEMO, Pedro. A avaliação sob o olhar propedêutico. Campinas. SP. Papirus. 1996.

HAYDT, Regina Cazaux. A avaliação do processo ensino-aprendizagem. Ed. Ática, SP.: ed. 5, 1995.

KENSKI, Vani Moreira. Avaliação da Aprendizagem. In VEIGA, Ilma Passos Alencastro (coord.). Repensando a Didática. 1ª ed. Campinas, S.P., Papirus 1995.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública. ed. 9. Ed. Loyola, SP, 1993.

LUCKESI, Carlos Cipriano. Avaliação da Aprendizagem escolar: estudos e Proposições. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1996.

LUDKE, Menga, ANDRÉ, Marli, E.D. A. Pesquisa em educação: abordagem qualitativas. São Paulo: E.P.V., 1986.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Secretária de Educação fundamental. Brasília: MEC/ SEF, 1997. 162 p.

ANEXOS

- 1- O que você entende por avaliação?
- 2- Qual é o papel da avaliação em sua concepção?
- 3- Quais os instrumentos que você utiliza para avaliar seus alunos?
- 4- Qual a importância da avaliação para o seu trabalho?
- 5- Quais as diferenças que você notou entre as formas avaliativas anteriores com a atual?
- 6- Quais as dificuldades que você vê em adotar essa nova prática de avaliação?
- 7- Que aspectos você considera importante para avaliar seus alunos?